

# NOTAS ACERCA DO FUTEBOL FEMININO PELOTENSE EM 1950: UM ESTUDO GENEALÓGICO

Dr. LUIZ CARLOS RIGO

Professor da Escola de Educação Física (Esef) – Universidade Federal de Pelotas (Ufpel)  
Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação Física  
E-mail: lcrigo@terra.com.br

Ms. FLÁVIA GARCIA GUIDOTTI

Mestre em ciências da comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)  
E-mail: flaviaguidotti@hotmail.com

LARISSA ZANETTI THEIL

Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) –  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)  
E-mail: larissatheil@bol.com.br

MARCELA AMARAL

Bolsista do Ministério da Cultura  
E-mail: marcelaesef@yahoo.com.br  
Apoio: Rede Centro de Desenvolvimento do Esporte  
Recreativo e do Lazer (Cedes) – Ministério do Esporte

## RESUMO

*Este artigo tem como objetivo contribuir para a historiografia do futebol feminino pelotense e brasileiro. O recorte estabelecido foi o ano de 1950 e a cidade de Pelotas, RS. Mais especificamente, as equipes femininas do Vila Hilda F. C. e do Corinthians F. C. A metodologia utilizada foi a História Oral, feita a partir do cruzamento de fontes orais, escritas e imagéticas. A pesquisa mostrou que aquele futebol feminino já possuía características do esporte moderno (organização, treinos, competição) e que, justamente por isso, foi alvo de interdição do CND (Conselho Nacional de Desporto) que exigiu a sua suspensão, ajudando a fortalecer o discurso de que mulher não combina com futebol.*

*PALAVRAS-CHAVE: Memória; futebol feminino; história oral.*

## INTRODUÇÃO

Apesar de ainda pouco divulgada, a prática do futebol feminino não é um acontecimento recente. Giulianotti (2002) assinala que, em muitos países, ela é praticamente contemporânea ao futebol masculino. No Brasil, tem-se registros da sua existência em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro já nos anos de 1930. Apesar disso, dentro da historiografia do futebol moderno são raros os estudos que tratam especificamente do futebol feminino. O caso brasileiro não foge a essa regra. Se compararmos com o futebol masculino, poderíamos dizer que a maior parte das memórias do futebol feminino brasileiro e suas histórias ainda estão por serem contadas<sup>1</sup>.

Este estudo parte justamente dessa lacuna existente e tem como objetivo principal contribuir para a construção das memórias do futebol feminino pelotense e brasileiro. Elegemos o ano de 1950 como representativo de uma época, de um período histórico, por dois motivos: primeiro, porque encontramos registros no jornal *Diário Popular*<sup>2</sup> que apontam Pelotas (RS) como palco de uma experiência pioneira com o futebol feminino naquele ano; e segundo porque, nesse momento histórico, o futebol feminino brasileiro era alvo de censura e proibição por parte do Conselho Nacional de Desporto (CND)<sup>3</sup>.

O recorte espacial da pesquisa situa-se na cidade de Pelotas (RS). Em função da sua localização geográfica (cidade portuária) e de algumas particularidades históricas, ela é uma cidade de forte tradição esportiva. A prática do remo, do turfe e

---

<sup>1</sup> Em reportagem publicada no *Jornal da Unicamp* (2003), Eriberto Lessa conta que, na busca que fez junto aos principais jornais de São Paulo sobre a existência do futebol feminino na primeira metade do século XX em nosso país, destacam-se três episódios: o primeiro ocorreu em 1913, em um evento beneficente, em Indianópolis (SP); o segundo foi em 1921, envolvendo "senhoritas de Tremembé e da Cantareira", bairros da zona norte de São Paulo; e, por último, os torneios que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro em 1940, envolvendo predominantemente mulheres do subúrbio carioca. Nesses torneios formaram-se times como o "Cassino Realengo" e o "Eva Futebol Clube". Ele comenta também que os torneios foram alvos de polêmicas na imprensa que se estenderam até o ano seguinte, quando a prática do futebol feminino foi proibida em todo o país (*Jornal da Unicamp*, 5 a 11 maio 2003, p. 12).

<sup>2</sup> O *Diário Popular* é um jornal que existe em Pelotas desde 1890, é o terceiro mais antigo do Brasil com tiragem ininterrupta e o mais antigo do Rio Grande do Sul. Atualmente é o maior jornal da cidade de Pelotas e possui circulação diária.

<sup>3</sup> A proibição da prática do futebol feminino tem como referência o decreto-lei n. 3199 de 14 de abril de 1941, que proíbe as mulheres brasileiras de praticar esportes "incompatíveis com as condições de sua natureza". Essa lei é referendada e melhor especificada na deliberação tomada pelo CND n. 7/65, quando ele estipula que a mulher é proibida de participar das seguintes modalidades esportivas: futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e beisebol. Essa deliberação somente foi revogada em 1979, pela deliberação n. 10. Para maiores considerações sobre a interferência da legislação brasileira na prática esportiva feminina, consultar Castellani (1988).

do futebol remonta ao final do século XIX e início do século XX e apresenta uma organização similar ao que essas práticas apresentavam no Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo, por exemplo.

Para desenvolver este estudo, apoiamo-nos nos suportes metodológicos advindos da história oral, entendida aqui como uma metodologia que, como salienta Thompson (1992), prima pela amplitude e flexibilidade metodológica e valoriza o cruzamento entre fontes escritas, imagéticas e orais. Neste trabalho, além das fontes escritas, fizemos uso de dois depoimentos orais, que possuem um papel estratégico, pois foram eles que nos aproximaram mais das sutilezas e de muitos detalhes peculiares do universo do futebol feminino.

Os cruzamentos realizados entre fontes orais, escritas e imagéticas partem da premissa de que as três modalidades de fontes assessoram a construção de regimes de verdades sem que exista a superioridade de uma sobre as outras. Essa precondição não exclui as diferenças de natureza nem as singularidades metodológicas de cada uma delas<sup>4</sup>. As recordações advindas dos depoimentos foram tratadas como memórias compartilhadas, que são reconstruídas e adquirem novos significados toda vez que “a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer” (PESAVENTO, 2003, p. 95).

#### ANO DE 1950: UMA HISTÓRIA DE INTERDIÇÃO

Nos anos de 1950, o esporte moderno<sup>5</sup> já fazia parte da cultura urbana da maioria das grandes cidades brasileiras. Pelotas não era uma exceção. Naquele momento, segundo a análise feita por Rigo (2004), o futebol pelotense já estava popularizado. O estilo esportivo urbano encontrava-se em ascensão. O hábito de exercitar, movimentar e mostrar o corpo tornava-se cada vez mais um costume desejado por parte dos homens e das mulheres. O discurso esportivo mescla-se aos discursos higienistas e eugenistas, remanescentes dos anos de 1930 e 1940 (GOELLNER, 2003), construindo uma outra concepção de corpo e de sexualidade feminina. Nesse mesmo período amplia-se a inserção social da mulher e algumas, aquelas mais inseridas no universo esportivo, começam a deixar de ser apenas as-

---

<sup>4</sup> Sobre a associação de fontes orais com fontes de outra natureza e um panorama dos novos desafios teórico-metodológicos colocados para o campo da história oral, consultar Ferreira et al. (2000).

<sup>5</sup> O conceito de esporte moderno está sendo usado neste artigo no sentido que lhe atribui Norbert Elias, ou seja, como uma experiência própria do sujeito moderno. Para mais considerações sobre esse conceito, consultar Eliase Dunning (1992).

sistentes para aderir ao *ethos* esportivo moderno, agora também como praticantes, como atletas da época, pelo menos em certas modalidades esportivas<sup>6</sup>.

Na cidade de Pelotas, especificamente, têm-se registros de mulheres praticantes de voleibol, de basquetebol e, principalmente, de natação. Por ser considerado um esporte indicado para mulheres e também por acontecer dentro de determinados clubes sociais privados, a natação é uma das modalidades esportivas em que encontramos uma maior adesão de mulheres, a maioria delas pertencente à classe média. Em Pelotas algumas mulheres que competiam na natação chegaram a alcançar projeção estadual e nacional<sup>7</sup>.

É nesse contexto, de adesão de parte do público feminino às práticas esportivas, que, no ano de 1950, Pelotas se torna palco da pioneira experiência de organização de duas equipes de futebol feminino. Antes desse acontecimento tem-se conhecimento de que a prática do futebol feminino na cidade se resumia a uma ou outra exibição esporádica, nas quais predominava mais o sentido exótico do que o esportivo. Um exemplo dessas exibições encontramos no jornal *Opinião Pública* do dia 14 de janeiro de 1930, quando ele relata que no dia anterior, após a exibição de uma sessão do Circo Queirolo, “deram entrada no picadeiro dois quadros de Futebol Feminino”, improvisando um Bra-Pel<sup>8</sup> que terminou com a vitória do G. E. Brasil por 1 x 0.

Tendo como referência os registros do jornal *Diário Popular* e o depoimento oral de Norma Brechane (2004)<sup>9</sup>, iremos narrar e analisar algumas peculiaridades presentes nesse futebol feminino brasileiro e pelotense dos anos de 1950.

As equipes pertenciam ao Vila Hilda Futebol Club e ao Corinthians Futebol Club, dois clubes de bairro que mantinham também times masculinos e possuíam uma estrutura com sede social e campo próprios. O Vila Hilda localizava-se no bairro Fragata, e o Corinthians, na Vila Santa Teresinha.

O primeiro registro de jornal que trata do futebol feminino na cidade é uma matéria no jornal *Diário Popular*, de 16 de maio de 1950, que noticia a existência das

---

<sup>6</sup> Para mais considerações sobre a inserção da mulher brasileira em práticas esportivas na condição de atleta, consultar o artigo de Mourão (2000).

<sup>7</sup> Outras considerações sobre as mulheres pelotenses que começaram a destacar-se na prática da natação feminina nos anos de 1950 podem ser encontradas no artigo “Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame”, de autoria de Rigo (2005).

<sup>8</sup> Bra-Pel é a terminologia utilizada para referir-se ao clássico do futebol pelotense, que envolve os dois mais tradicionais clubes da cidade: G. E. Brasil e o E. C. Pelotas.

<sup>9</sup> Entrevista concedida por Norma Brechane em sua casa, no bairro Laranjal, em Pelotas, em 26 outubro de 2004. Norma participou dos jogos de 1950 e atuou tanto pelo time do Vila Hilda como pelo Corinthians.

duas equipes e comenta o treino de ambas para o jogo de estréia, que ocorreria no mês seguinte.

As duas equipes foram fundadas praticamente juntas, em abril de 1950<sup>10</sup>. A maioria das jogadoras era jovem, entre 13 e 18 anos, que pertencia à classe média baixa e residia nos próprios bairros onde os clubes estavam situados. Pelo depoimento de Norma, percebe-se que a iniciativa contou com o apoio de jogadores e diretores dos clubes: “Quem incentivou mais foi o pessoal dali mesmo. A gente começava a alcançar a bola pra eles e chutava, aí eles começaram: ‘bem que a gente podia fazer um jogo, fazer um time feminino’. Não sei se lá em Porto Alegre já tinha? Então as gurias começaram: ‘Ah! Eu quero jogar’. Aí foi assim que surgiu!” (BRECHANE, 2004).

Depois de formados os grupos, começaram os treinos dos dois times, visando entrosar as jogadoras para a partida de estréia. Os técnicos das duas equipes eram jogadores ou ex-jogadores dos quadros masculinos dos respectivos clubes. Dona Norma contou-nos que eram realizados dois treinos semanais: um composto por exercícios físicos, noções táticas e execução de fundamentos, e outro em que jogavam as reservas contra as titulares. Apesar de possuir seu próprio campo, os treinos do Vila Hilda aconteciam no atual campo do G. A. Farroupilha e no campo do quartel do bairro Fragata. Já o Corinthians F. C. costumava treinar em um campo na Vila Teresinha, local em que se localizava a sede social do clube<sup>11</sup>.

No mês de maio de 1950, o jornal *Diário Popular* começou a noticiar o início dos treinos das duas equipes. A primeira matéria recebeu o título de “Pronta a equipe feminina de futebol do Corinthians” e trouxe uma fotografia das atletas dessa equipe. Em uma passagem, a matéria comenta que:

Pelotas desportiva conhecerá em breve, Gelsi centro atacante, elemento de grande qualidade. Controla a bola com precisão, tendo a oportunidade de traduzir as suas qualidades com a feitora do ensaio de domingo, que terminou com vitória das titulares de 5 a 2. A equipe feminina do Corinthians F. C., deverá estrear frente à equipe do Vila Hilda F. C., outro conjunto que está ensaiando com entusiasmo (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 16 maio 1950, p. 5).

---

<sup>10</sup> O jornal *Folha da Tarde*, de Porto Alegre, em matéria publicada no dia 13 de setembro de 1950, assinala que o Corinthians foi fundado no dia 4 de abril de 1950, e o Vila Hilda, dois dias depois.

<sup>11</sup> Dona Norma disse-nos que a preferência de campo para os treinos se dava pelo fato de o campo do Vila Hilda ser um campo aberto, enquanto os outros eram campos fechados.



Figura 1: Os treinos. Os treinos físicos, técnicos e táticos que ocorriam duas vezes na semana, assinalam a presença do ethos esportivo moderno, naquelas práticas de futebol feminino  
 Fonte: Jornal *Diário Popular*, 25 maio 1950.

\*JORNAL POPULAR - FOLHA 2 de 2 de 8 de 1950

\*P. PAGINA\*

# Esta Tarde, Na "Baixada", CORINTIANS e VILA HILDA Em

# SENSACIONAL PRELIO FEMININO



Fotografia de um dos jogos da Vila Hilda.

## BRASIL E RIO GRANDE NA PRELIMINAR

**Homenagem ao dr. Joaquim Duval — A formação das duas equipes — Catalã e Chico nas arbitragens**

Esta tarde, finalmente, será realizada a sensacional "match" preliminar entre as representantes do Corinthians e da Vila Hilda e que há muito vem sendo aguardado por grande esportivo pelo qual se respectivo preliminar, pois que se trata de um acontecimento histórico para a nossa cidade e que, por isso mesmo, é aguardado com particular interesse pela população.

Segunda informação que cabe mencionar é que ambas as equipes foram organizadas para um tempo mais curto do que o normal, sendo assim, sendo realizadas de correspondência de expectativas.

O público esportivo de Vila Hilda aguarda a partida com muita ansiedade, esperando que as nossas jogadoras das duas equipes possam proporcionar uma atuação pessoal de uma qualidade indelével na história do futebol e das jogadoras do nosso continente.

**A PRELIMINAR**

A tarde esportiva de hoje na cidade de G. R. Brasil é, portanto, um acontecimento. Além do match entre as duas equipes, haverá também a apresentação da nossa futebolista brasileira, sendo jogadas, tanto pelo representante pelas equipes do Corinthians, Espirito Hiral e do Esporte Clube Rio Grande, da cidade do mesmo nome.



Outro fragmento dos treinamentos.

Vila Hilda resolveram desfilar 55 Gerni, Modilona, Drey, Tosi e João André de hoje a Associação dos jogadores, Vila Hilda. — 1950 Comitê Esportivo do Futebol, Futebol e Alto Rio, Bala e Juvenil, Associação de Futebol, Associação de Futebol, Associação de Futebol, Associação de Futebol e Associação de Futebol.

Catalã está na direção do "match" preliminar e Francisco de Paula, na arbitragem.

Como se vê, será uma tarde esportiva com atrações interessantes, pois que de se esperar um match mais emocionante no âmbito do campo da cidade.

**HOMENAGEM AO DR. JOAQUIM DUVAL**

O grande esportivo de hoje na cidade de G. R. Brasil é, portanto, um acontecimento. Além do match entre as duas equipes, haverá também a apresentação da nossa futebolista brasileira, sendo jogadas, tanto pelo representante pelas equipes do Corinthians, Espirito Hiral e do Esporte Clube Rio Grande, da cidade do mesmo nome.

**55 A A C E P.**

As direções do Corinthians e da Vila Hilda.

Figura 2: Anúncio do primeiro jogo. Na véspera do primeiro jogo o jornal destaca que na preliminar o E. C. Brasil irá enfrentar o E. C. Rio Grande  
 Fonte: Jornal *Diário Popular*, 8 jul. 1950.

A atenção que a imprensa local dedicava ao futebol feminino revela a importância que ele estava adquirindo para a cidade. É interessante observar, nesse sentido, como o *Diário Popular*, principal jornal da cidade, concedia espaços consideráveis aos treinos que antecederam a estréia das duas equipes. De tamanho significativo, as matérias costumavam destacar os nomes das atletas, o placar e alguns detalhes técnicos. Às vezes, como foi o caso da matéria citada, as notícias vinham ilustradas também com fotografias.

De acordo com o *Diário Popular* do dia 7 de junho, o jogo de estréia entre as duas equipes ocorreu na tarde do dia 8 de julho de 1950, no Estádio Bento Freitas (Estádio do Grêmio Esportivo Brasil) e teve como preliminar uma partida amistosa entre o G. E. Brasil e o Esporte Club Rio Grande, da cidade de Rio Grande.

Essa partida caracterizou-se como uma “festa social-esportiva”<sup>12</sup>, que pretendia promover o futebol feminino na cidade e na região. Objetivo que aparece na



Figura 3: A primeira partida. O primeiro jogo entre o Vila Hilda e o Corinthians ocorreu no dia 8 de julho de 1950, no Estádio Bento Freitas (G. E. Brasil). A multidão na arquibancada indica a adesão que teve o evento.

Fonte: Jornal *Diário Popular*, 9 jul. 1950.

<sup>12</sup> Terminologia usada pelo jornal *Diário Popular* na matéria intitulada “Amanhã na Baixada, o sensacional choque feminino”, publicada na véspera do evento. Essa mesma matéria, entre outros pontos, destaca que a festa “social-esportiva” contaria com uma banda de música para animar o intervalo dos jogos e que seria uma homenagem ao prefeito dr. Joaquim Duval. Ela traz ainda o nome completo das atletas das duas equipes femininas e o valor dos ingressos, que foi assim estipulado: cadeiras – Cr\$25,00; pavilhão – Cr\$15,00; geral – Cr\$8,00; menores, colegiais, fardados e senhoras – Cr\$5,00 (Jornal *Diário Popular*, 7 jul. 1950, p. 5).

reportagem do jornal dois dias depois, quando destaca que “a curiosidade do público foi enorme, não pelo que o futebol técnico pudesse ver, mas pelo ineditismo do acontecimento esportivo, único em nossa cidade” (*JORNAL DIÁRIO POPULAR*, 9 de julho de 1950, p. 5).

O ineditismo fez com que esse futebol fosse assunto também de uma reportagem de duas páginas publicada na *Revista dos Esportes*<sup>13</sup> daquele ano. Um trecho da reportagem diz que “o encontro teve tamanha repercussão que atraiu, inclusive, dois elementos da imprensa do Chile que, de volta do Rio de Janeiro, onde foram assistir algumas partidas da ‘Copa do Mundo’, foram atraídos pelo interessante encontro feminino” (*REVISTA DOS ESPORTES*, 1950, p. 5).

Apesar de o resultado e os aspectos técnicos e táticos do jogo não serem o que mais interessava naquele momento, a cobertura feita pelo jornal traz uma síntese dos principais lances da partida, descrevendo-a assim:

O resultado foi um empate de 1 a 1. Aos 19 minutos a bola sobrou, na área do Vila Hilda para Gelsi a qual procurou atirar ao arco já desvanecido, a seguir Joanete, ao procurar afastar o perigo teve a infelicidade de atirar em sua própria meta. O empate surgiu aos 25 minutos, a ponteiro Nair, dona de bom chute bateu um tiro de canto, a bola desceu na área e registrou-se “melée”, dele se aproveitando Carmem para empatar a partida (*JORNAL DIÁRIO POPULAR*, 9 jul. 1950, p. 5).

## Outros jogos, excursões e a interdição

Depois da estréia, os dois times voltaram a se enfrentar novamente em Pelotas, no dia 26 de agosto, no campo do Club Atlético Bancário, quando venceu o Vila Hilda por 2 a 0, com gols marcados por Nair e Inês (gol contra). A preliminar dessa partida foi entre C. A. Bancário e Cometa F. C. Segundo o *Diário Popular*, a renda desse jogo foi de Cr\$3.940,00 (*JORNAL DIÁRIO POPULAR*, 27 ago. 1950, p. 5). Além dos jogos realizados em Pelotas, as duas equipes fizeram excursões para outras cidades. No dia 23 de novembro, o jornal *Diário Popular* comenta que “os quadros locais jogaram em nossa cidade, Rio Grande, Porto Alegre e Novo Hamburgo” (p. 5), e acrescenta que a “ida à capital do estado, fez despertar um grande entusiasmo pelo futebol feminino” (p. 5). Dona Norma disse-nos que participou de duas dessas excursões. Com a autoridade de quem esteve lá, contou-nos que em Rio Grande fizeram um jogo de exibição (entre o Vila Hilda e o Corinthians) e em Porto Alegre jogaram contra as esquadras do Amazonas e do Tiradentes. “Porque nós jogamos

---

<sup>13</sup> A *Revista dos Esportes* era uma revista esportiva de cunho regional que foi publicada em Pelotas, entre os anos de 1948 e 1958.

num domingo e depois de dois dias nós jogamos de noite, com esse outro time... Como é?... o Tiradentes" (BRECHANE, 2004). Norma lembrou que apesar de só a equipe feminina jogar, alguns dirigentes viajavam junto com o grupo. Ela também comentou que era a diretoria dos clubes quem organizava as viagens e ajudava a custear os gastos<sup>14</sup>.

As excursões esportivas, para jogos demonstrativos ou amistosos, foram práticas que também estiveram presentes no futebol masculino no início do século XX, quando os clubes pioneiros se propuseram a difundir o futebol.

Ao que tudo indica, o interesse maior era difundir o futebol feminino e transformar Pelotas em um pólo irradiador dessa prática. A matéria que noticia a estréia do Vila Hilda e do Corinthians evidencia um pouco esse interesse, quando salienta que:

O Corinthians F. C. vem mantendo correspondência com as Rádios Globo, Nacional e Tamoio do Rio de Janeiro, Farrouilha e Gaúcha da capital do Estado, com o Diário de Notícias e até mesmo com a "Revista Del Esporte" de Montevidéu, as quais solicitam pormenores e fotografias do conjunto feminino, o que vem a demonstrar, de forma exuberante, o interesse que o inédito fato vem despertando em todos os recantos do País (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 26 maio 1950, p. 5).

Após uma série de treinos, jogos e excursões, que se estenderam de maio a novembro de 1950, o futebol feminino no estado mostrava-se em ascensão; além de aumentar o número de equipes (Vila Hilda, Corinthians, Amazonas, Renner e Tiradentes)<sup>15</sup>, ele havia conquistado a simpatia do público e ocupado um espaço significativo na imprensa de Rio Grande, de Pelotas e de Porto Alegre. Porém, foi justamente nesse momento de ascensão do futebol feminino que o CND entrou em cena cobrando que fosse cumprido o decreto-lei em vigor, que proibia a prática desse esporte por mulheres, em todo o país. Em matéria publicada no dia 23 de novembro, o jornal *Diário Popular* reproduz um trecho da notícia que fora publicada no jornal *Folha da Tarde* de Porto Alegre comentando, justamente, que "quando maior era a atividade dos clubes femininos em nosso estado, eis que o

---

<sup>14</sup> Sobre os confrontos entre Vila Hilda e Corinthians no ano de 1950, o jornal *Folha da Tarde* do dia 13 de setembro desse mesmo ano noticia que, até aquela data, as duas equipes se haviam enfrentado cinco vezes, sendo duas em Pelotas, uma em Rio Grande, uma em Porto Alegre e uma em Novo Hamburgo. Os resultados desses confrontos foram um empate em 1 x 1, outro em 0 x 0, duas vitórias do Corinthians – uma por 1 x 0 e outra por 2 x 0 – e uma vitória do Vila Hilda por 2 x 0.

<sup>15</sup> Durante a entrevista, dona Norma falou-nos que, na época, existiam dois times femininos em Porto Alegre, o Tiradentes e o Amazonas. Consultando o *Diário Popular* de 1950 e 1951, encontramos também a notificação da existência da equipe do Renner.

CND, em nota fornecida hoje, anunciou a proibição de jogos de futebol feminino em todo o país, por achar que o referido não se coaduna com a forma física do “belo sexo” (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 23 nov. 1950, p. 5). Mais adiante, a mesma matéria denuncia: “foi então que se observou a tristeza e a revolta que ficaram possuídos os responsáveis e as praticantes”. Dona Norma recordou esse episódio intervencionista e lamentou: “quando tava bom, quando a gente estava gostando, terminou” (BRECHANE, 2004).

Depois dessa data, o jornal *Diário Popular* não fez mais nenhuma menção a treinos, jogos ou excursões nem do Vila Hilda F. C., nem do Corinthians F. C. Sobre o futebol feminino, encontramos nova referência somente no dia 4 de julho do ano seguinte (1951), na matéria intitulada “Jogaram dia 12 as porto-alegrenses”. Esta destaca que “embora o CND tivesse proibido os jogos entre as equipes femininas de futebol, a imprensa da capital do estado está anunciando que os dois quadros – Renner e Tiradentes – jogaram dia 12”. Na seqüência, em tom legalista, a matéria questiona: “E a proibição???? Será que as leis esportivas neste país estão fadadas a não serem cumpridas rigorosamente????” (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 4 jul. 1951, p. 5).

#### UM FUTEBOL ALÉM DE SEU TEMPO

*Ah! Nós queríamos, também, usar essas botinas... É, porque nós usávamos era tênis, [...] mas nós queríamos usar era chuteira, que as gurias lá em Porto Alegre parece que usaram chuteira*  
BRECHANE, 2004

A experiência pioneira do futebol nos anos de 1950 serve tanto para pensarmos uma ainda desconhecida genealogia do futebol feminino brasileiro, como também nos embates conjunturais da nossa sociedade – disputas que envolvem relações de gênero e de poder. O que, em um mesmo momento histórico, é permissivo e incentivado para um sexo é proibido e interdito para o outro.

Nesse sentido, é interessante observar que, em um primeiro momento, a iniciativa do Vila Hilda e do Corinthians contou com o apoio considerável da imprensa, dos diretores dos clubes, dos familiares das jogadoras e da sociedade de uma maneira geral, e parecia não preocupar o CND. Afinal, tratava-se apenas de um grupo de meninas, em sua maioria ainda adolescentes, praticando um exótico futebol com sapatos de basquetebol, em dias de “festa social-esportiva”. Nota-se que a intervenção do CND ocorreu em um momento em que o futebol feminino começava a estruturar-se de modo que se constituísse em uma modalidade esportiva



Figura 4: A organização

Fonte: Jornal *Diário Popular*, 31 maio 1950.

de abrangência nacional. Essa intervenção deu-se justamente quando se começou a cogitar a possibilidade dos times locais excursionarem para outros estados ou mesmo para fora do país; quando o Vila Hilda e o Corinthians formavam os seus respectivos departamentos de futebol feminino, compostos apenas por mulheres; e quando as jogadoras começavam a reivindicar o uso de chuteiras.

Em síntese, pode-se afirmar que o futebol feminino passou a ser visto pelo CND como uma prática ilícita somente quando deu sinais de que poderia estruturar-se como uma modalidade esportiva feminina, conquistando mais autonomia perante os homens e fazendo reivindicações que até então eram restritas ao futebol masculino. O CND “entrou em campo” e fez com que a lei fosse cumprida, antes que fosse tarde demais, quando aquelas experiências isoladas passaram a representar um afronte aos costumes sociais da época que restringiam a mulher ao espaço privado, vigiavam a vestimenta e disciplinavam o seu corpo feminino. Nesse sentido construiu-se o discurso de que a prática do futebol não era condizente com a mulher – principalmente se jogado com chuteiras!

O episódio ocorrido em 1950 não diz respeito apenas ao mundo do futebol, ele está inserido em um contexto histórico-cultural do país que envolve o movimento feminista e suas lutas emancipatórias. De certa forma, a atitude do CND estava em sintonia com os valores e com a moral da época. Segundo

Margareth Rago (2002), no Brasil dos anos de 1950 ainda predominavam os discursos higienistas vigilantes da sexualidade e do corpo da mulher brasileira. A autora salienta que no Brasil, e em muitos outros países, é somente no início dos anos de 1970 que vai haver uma redefinição do “lugar social e sobretudo sexual da mulher” (RAGO, 2002, p. 193).

A proscricção do futebol feminino brasileiro e a intervenção direta para proibir experiências como a de Pelotas mostram um pouco do quanto o corpo e o esporte moderno se tornaram também alvos de interesse de toda uma estratégia de poder, que opera junto às populações com o intuito de controlar a vida, disciplinar os corpos, estereotipar papéis e controlar a sexualidade. Ou seja, o corpo e o esporte, cada vez mais, passam a fazer parte daquilo que Foucault (2006) nomeou de uma “governamentalidade”, que, segundo ele, pode ser entendida como uma arte de governar bastante peculiar, que emerge nas sociedades ocidentais modernas, que se caracteriza por intervir diretamente junto à população, instituindo novas formas de vida. O autor destaca que “a população aparecerá como sujeito das necessidades, de aspirações, mas também como objeto entre as mãos do governo, consciente diante do governo, do que ela quer, e inconsciente, também, do que lhe fazem fazer” (FOUCAULT, 2006, p. 300).

Além das relações políticas envolvendo corpo e poder, uma genealogia das memórias do futebol feminino brasileiro que considera as proibições, as intervenções e os discursos normativos feitos sobre essa prática, ilustra também como a classificação por sexo, no sentido que assinalou Judith Butler (2001), “não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas”. Porém, como salienta essa mesma autora, é fundamental não esquecer que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (p. 154).

Enfim, mais do que uma questão específica de permissão ou não do futebol feminino, o que estava em jogo era a possibilidade de a mulher ampliar a sua inserção no espaço público e fugir de certos estereótipos sociais que atuavam sobre seu corpo e sua sexualidade<sup>16</sup>. Nesse sentido é interessante analisar como uma experiência, localizada no extremo sul do país, passou a ser vista como perigosa e merecedora de uma intervenção direta do CND, somente quando ficou evidente

---

<sup>16</sup> Apesar de nem sempre existir uma relação direta e automática entre o futebol feminino e o movimento feminista, é interessante observar que o fim da proibição da prática do futebol e de outros esportes para mulheres no Brasil acontece somente a partir do final dos anos de 1970, justamente no período em que o movimento feminista brasileiro esteve fortalecido e em ascensão.

que não se tratava de mais uma exótica e passageira exibição de futebol feminino, como era comum em diferentes lugares do país. Tratava-se de tensões de gênero e de relações de poder que apareceram imbricadas à possibilidade de o futebol feminino estruturar-se e consolidar-se como uma prática esportiva extensiva a todo território nacional.

Quanto ao futuro do futebol feminino pelotense, Marcos Barbosa<sup>17</sup>, atual técnico da equipe feminina do Esporte Clube Pelotas, enfatizou que após essa inusitada experiência, ocorrida ainda em 1950, a sua retomada foi ocorrer somente no final dos anos de 1980, início dos anos de 1990, concomitante à sua reparação em quase todo o território nacional.

Me dou o direito de dizer que tenho um conhecimento razoável do que vocês consideram a nova fase do futebol feminino. Depois desses registros históricos lá da década de 50, o Pelotas F. C. lançou o futebol de campo aqui no início de 90, e posso garantir pra vocês: pode ter tido um ou outro jogo, mas a primeira equipe que jogou uma temporada foi a do Pelotas (BARBOSA, 2005).

Apesar de o futebol feminino brasileiro ter deixado de ser alvo de interdição, sua consolidação continua sendo um desafio. Boa parte da discriminação e dos preconceitos que ele continua enfrentando, certamente, tem a ver com os 30 anos de proibição e de desqualificação que ajudaram a construir uma moral sexista alicerçada no discurso de que mulher não combina com futebol.

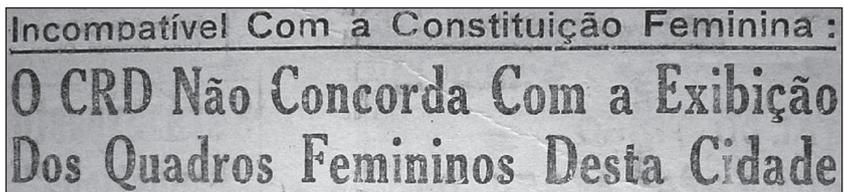


Figura 5: A interdição

Fonte: *Jornal Diário Popular*, 13 jul. 1950.

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Marcos Barbosa em 3 de maio de 2005, nas dependências do Estádio do Esporte Clube Pelotas. Marcos Barbosa é uma das pessoas que mais tem atuado junto ao futebol feminino pelotense, tendo assumido várias vezes o cargo de técnico e de responsável pelo departamento de futebol feminino junto ao Esporte Clube Pelotas.

## Notes on women's soccer in Pelotas, 1950: a genealogic study

*ABSTRACT: Through the study presented here, we attempt to contribute to the historiography of women's soccer in the city of Pelotas and in Brazil. Our study looks at Pelotas, city in the state of Rio Grande do Sul, during the year 1950, looking at two specific teams, Vila Hilda F. C. team and Corinthians F. C. We used an Oral History methodology that also included written sources and images. Our research revealed that the female soccer had already adopted the characteristics of modern sport (organization, training, competition) and for this very reason was expelled by the CND (National Council of Sport), which in turned seved to strengthen the discourse claiming that "women and soccer don't mix".*

*KEY WORDS: Memory; women 's soccer; oral history.*

## Notas acerca del fútbol femenino pelotense en 1950: un estudio genealógico

*RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo contribuir para la historiografía del fútbol femenino pelotense y brasileño. El recorte establecido fue el año de 1950 en la ciudad de Pelotas, RS, específicamente con los equipos femeninos del "Vila Hilda F. C." y del "Corinthians F. C." La metodología utilizada fue la Historia Oral, hecha a partir del cruce de fuentes orales, escritas, metáforas y visuales. La encuesta mostró que aquel fútbol femenino ya poseía características del deporte moderno (organización, entrenamientos, competición) y que, justo por eso, fue vetada por el CND (Consejo Nacional del Deporte) que exigió su suspensión, ayudando a fortalecer el discurso de que mujer no combina con el fútbol.*

*PALABRAS CLAVES: Memoria; fútbol femenino; historia oral.*

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre o limite discursivo do "sexo"*. In: LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CASTELLANI FILHO, L. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel Difusão Editora, 1992.

FERREIRA, M. de M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC-FGV, 2000.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Trad. R. Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *A "governamentalidade"*. In: BARROS DA MOTTA, M. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos: IV)

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, S. V. *Bela, materna e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: de 1870 a 1950. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 7., Gramado, 2000. *Anais...* Gramado: Escola Superior de Educação Física/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. p. 384-389.

MUCHAIL, S. A leitura dos filósofos. In: CASTELO BRANCO, G.; PORTOCARRERO, V. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000. p. 233-243.

PESAVENTO, S. J. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RAGO, M. Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do "Amor Venéris". *Projeto história – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC-SP*, São Paulo, n. 25, p. 181-194, dez. 2002.

REVISTA DOS ESPORTES, Pelotas: Eliseu de Melo Alves e Geraldo M. Alves, v. 2, n. 25, 25 jul. 1950.

RIGO, L. C. *Memórias de um futebol de fronteira*. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

\_\_\_\_\_. Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. *Revista Movimento*, v. 11, n. 2, p. 131-146, maio/ago. 2005

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEYNE, P. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

### *Outras Fontes*

JORNAL OPINIÃO PÚBLICA, Pelotas, 14 jan. 1930.

JORNAL DIÁRIO POPULAR, Pelotas | 6 maio 1950.

\_\_\_\_\_, Pelotas, 25 maio 1950.

\_\_\_\_\_, Pelotas, 26 maio 1950.

\_\_\_\_\_, Pelotas, 31 maio 1950.

\_\_\_\_\_, Pelotas, 7 jul. 1950.

\_\_\_\_\_, Pelotas, 8 jul. 1950.  
\_\_\_\_\_, Pelotas, 9 jul. 1950.  
\_\_\_\_\_, Pelotas, 13 jul. 1950  
\_\_\_\_\_, Pelotas, 27 ago. 1950.  
\_\_\_\_\_, Pelotas, 23 ago. 1950.  
\_\_\_\_\_, Pelotas, 4 jul. 1951.

*JORNAL A TARDE*, Porto Alegre, 13 set. 1950.

*JORNAL DA UNICAMP*, 5 a 11 maio 2003.

## Entrevistas

BRECHANE, N. *Memórias do futebol feminino pelotense*. Pelotas, 26 out. 2004. Entrevista concedida a Luiz Carlos Rigo e Larissa Zanetti Theil.

BARBOSA, M. *A retomada do futebol feminino em Pelotas*. Pelotas, 3 maio 2005. Entrevista concedida a Luiz Carlos Rigo, Larissa Zanetti Theil e Marcela Amaral Martins.

Recebido: 23 maio 2007

Aprovado: 6 set. 2007

Endereço para correspondência  
Luiz Carlos Rigo  
Rua Gonçalves Chaves, 3063/503/A  
Pelotas-RS  
CEP 96015-560

Com nossa proposta pretendemos intervir nessa complexa realidade que é a área de conhecimento da ginástica na formação de professores/profissionais de educação física. Para tanto, é preciso uma tomada de posição coletiva, é necessário que os docentes que atuam na formação mobilizem-se rumo a garantir de forma emancipatória os saberes gímnicos aos futuros professores/profissionais para que possam desempenhar, com segurança, sua prática docente com relação à área da ginástica no âmbito escolar e fora dele.